

PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

# HISTÓRIA E CULTURA DO ALTINÓPOLIS

LIVRO DO PROFESSOR - ENSINO FUNDAMENTAL 2

GOVERNADOR VALADARES/2025



PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

# HISTÓRIA E CULTURA DO ALTINÓPOLIS

LIVRO DO PROFESSOR - ENSINO FUNDAMENTAL 2

GOVERNADOR VALADARES/2025

**Capa:** Amanda Franskoviak Andrade

**Edição, projeto gráfico, editoração:** Patrícia Falco Genovez

**Ilustração:** As imagens que compõem as ilustrações foram desenvolvidas pela autora com recursos gráficos da plataforma Canva Pro, conforme licenciamento comercial vigente. Nenhuma imagem foi utilizada isoladamente fora do contexto da obra.

**Revisão:** Joana Paula Ataíde.

**Pesquisa:** Patrícia Falco Genovez.

**Elaboração do material didático:** Patrícia Falco Genovez

**Projeto de Pesquisa:**

O patrimônio material e imaterial e seu diálogo com a paisagem cultural na microrregião de Governador Valadares: pertencimento, cultura e ambiente após o rompimento da Barragem de Fundão (Samarco/BHP Billiton/Vale). (Coordenadora Patrícia Falco Genovez)

**Projeto de Extensão:**

Extensão Integradora (Coordenação geral: Débora Tameirão Lisboa/Coordenação e orientação da pesquisa no bairro Altinópolis: Patrícia Falco Genovez.

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

FINANCIAMENTO:



PARCERIA:



**PREFEITURA DE  
GOVERNADOR  
VALADARES**



# SUMÁRIO

Apresentação.....8

CAPÍTULO 1 - Onde Tudo Começou: A História do Bairro.....11

Atividade 1 - Investigação Espacial: O Bairro Ontem e Hoje.....11

Atividade 2 - Entrevistas e Memórias do Bairro.....13

Atividade 3 - Projeto: Meu Bairro, Meu Futuro.....15

CAPÍTULO 2: Crescendo com a Comunidade.....18

Atividade 1 - Mapa Crítico das Transformações.....18

Atividade 2 - Debate "O bairro está crescendo... Isto é bom para quem?" .....20

Atividade 3 - Jornal do Bairro: Passado e Presente.....22

CAPÍTULO 3 - Nossos Pontos de Encontro e Referências Culturais.....25

Atividade 1 - Mapa da Diversidade Territorial.....25

Atividade 2 - Assembleia das Diferenças.....27

Atividade 3 - Podcast "Território Vivo" .....29

CAPÍTULO 4 - Arte em Cada Esquina.....32

Atividade 1 - Cartografia das Práticas Culturais.....32

Atividade 2 - Entrevista Temática: "Como Aprendi" .....34

Atividade 3 - Documentário Curto "Memórias do Fazer" .....36

CAPÍTULO 5 - A Voz do Povo.....39

Atividade 1 - Documentário curto "Histórias que moram aqui" .....39

Atividade 2 - Linha do tempo do bairro.....42

Atividade 3 - Projeto de intervenção "Nosso bairro, nosso futuro" .....44

CAPÍTULO 6 - Nosso Bairro, Nosso Futuro.....47

Atividade 1 - Assembleia do Futuro.....47

Atividade 2 - Projeto de Intervenção "Pequenas Ações, Grandes Mudanças" .....49

Atividade 3 - Manifesto das Crianças e Jovens pelo Futuro.....51

|  |    |
|--|----|
| OUTRAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES.....            | 54 |
| Cartografia Afetiva Digital.....               | 54 |
| Linha do Tempo das Transformações Urbanas..... | 54 |
| Roteiro Fotográfico Crítico.....               | 55 |
| Cartas do Futuro para o Bairro.....            | 55 |
| Memória Corporal dos Espaços.....              | 56 |
| Histórias Invisíveis.....                      | 56 |
| Atlas das Infâncias do Bairro.....             | 57 |
| Jornal Comunitário Escolar.....                | 57 |
| Memorial das Lutas e Resistências.....         | 58 |
| Cinema de Rua: Olhares sobre o Bairro.....     | 58 |
| <br>   |    |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....                   | 60 |
| <br>   |    |
| SOBRE A AUTORA.....                            | 65 |

# APRESENTAÇÃO

Querido(a) educador(a),

Este livro é fruto de um trabalho coletivo que une escola, comunidade e universidade em torno de um mesmo propósito: valorizar o bairro e a vida cotidiana como espaços de conhecimento, memória e reflexão. Ele integra um projeto de pesquisa-extensão do curso de Arquitetura da Univale (Extensão Integradora), em parceria com o Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/Univale), vinculado ao Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (GIT).

O material foi construído a muitas mãos: alunos, bolsistas, professores e pesquisadores voluntários se dedicaram a ouvir e registrar histórias e experiências do bairro, revelando que a história não está apenas nos livros ou nos monumentos, mas também nas ruas, casas, praças e, sobretudo, nas pessoas que habitam esses lugares.

Mais do que um conjunto de atividades, este livro convida você, professor(a), a ser mediador(a) entre seus estudantes e a riqueza cultural da comunidade. Cada proposta foi pensada para estimular a curiosidade, a atenção e o senso crítico dos adolescentes, ajudando-os a perceber que o bairro em que vivem é um espaço vivo, repleto de histórias, memórias e significados.

Alguns conceitos orientam o trabalho:

- **Geografia da infância** – O bairro visto a partir da experiência das crianças e dos jovens. Ao circular, brincar ou conviver com amigos, eles constroem seus próprios mapas afetivos, revelando sentidos únicos para os lugares.
- **Corpo-território** – O corpo é o primeiro território de cada sujeito. Ao caminhar, observar ou interagir com o espaço, os jovens afirmam sua presença e produzem formas de pertencimento.
- **História oral** – O conhecimento está também nas narrativas de avós, vizinhos e familiares. Ao escutar essas vozes, os estudantes aprendem a valorizar memórias que não se encontram apenas em documentos escritos.

- **Decolonialidade** – Este livro busca valorizar memórias e vozes locais muitas vezes invisibilizadas, mostrando que as narrativas dos bairros populares também têm legitimidade e importância.
- **História local** – Cada rua, festa ou moradia carrega lembranças que, quando reconhecidas, ajudam os estudantes a compreender que são parte de uma trajetória coletiva.

Este material integra um movimento maior que conecta ensino, pesquisa e extensão, aproximando universidade, escola e comunidade. Ele nasceu do trabalho de campo realizado no bairro Altinópolis, com a colaboração dos(as) discentes Amanda Franskoviak Andrade, Ana Clara Rodrigues dos Reis Silva, Ana Flávia Páscoa Lima, Ashley Hanna dos Santos Bonfim, Brenda Batista Guedes, Enya Camargos Fonseca Lagares, Gabriela Vitoria Barboza Gonçalves, Laura Menezes Lopes, Ludimila Cândido dos Reis, Ludmylla Silva Guerra Monteiro de Castro, Nathálya Christina Simão Brun, Vivian Cristina Lopes Rocha, da bolsista de iniciação científica Ana Luiza Aguilar Figueiredo e da pesquisadora voluntária Kerry Rodrigues.

Nosso desejo é que este livro se torne um aliado no seu trabalho pedagógico, estimulando os estudantes a pensar criticamente sobre o lugar onde vivem e a reconhecerem a força cultural presente em seu território. As atividades podem ser adaptadas de acordo com a realidade da sua turma, incentivando que os jovens observem, escutem, criem e reflitam, percebendo-se como protagonistas de sua própria história.

Que este material inspire novas descobertas, fortaleça a relação entre escola, comunidade e território e contribua para cultivar em cada estudante o sentimento de pertencimento ao bairro, compreendendo-o como espaço vivo, cheio de memórias, aprendizagens e possibilidades.

Para conhecer mais sobre iniciativas que valorizam o território e a experiência local, convidamos você a explorar o Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT) e o Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (GIT/Univale), acessíveis em <https://univale.br/mestrado/observatorio-obit/>, e descobrir como escola, comunidade e universidade podem se unir em torno do cuidado e da valorização do lugar.

Nosso carinho e boa jornada!

Equipe UNIVALE, estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo,  
pesquisadores do OBIT e estudantes do curso de História.

Patrícia Falco Genovez



# CAPÍTULO 1 - ONDE TUDO COMEÇOU: A HISTÓRIA DO BAIRRO

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### Atividade 1 - Investigação Espacial: O Bairro Ontem e Hoje

Na atividade “Investigação Espacial: O Bairro Ontem e Hoje”, o(a) educador(a) deve iniciar apresentando aos alunos fotos antigas e atuais de ruas, praças, casas e edifícios do bairro Altinópolis. Essa apresentação serve para situar os estudantes no contexto histórico e físico do bairro, permitindo que percebam visualmente as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Em seguida, conduza uma discussão guiada com perguntas como:



“O que mudou?”  
“O que permanece igual?” e  
“Como essas mudanças afetam quem vive aqui?”

Esse diálogo incentiva os alunos a refletirem sobre a evolução do bairro, estimulando a percepção crítica e a conexão entre espaço físico, memória coletiva e vivência cotidiana.

Depois dessa conversa, organize a turma em grupos e distribua papel, canetas coloridas ou tablets para que cada grupo elabore um mapa comparativo. Esse mapa deve mostrar as mudanças no bairro ao longo do tempo, integrando aspectos físicos, sociais e afetivos, como ruas que desapareceram, construções novas, áreas de convivência ou mudanças no comércio local. É importante que os alunos representem essas transformações de forma visual e narrativa, incorporando elementos que expressem experiências e significados.

Cada grupo deve ainda incluir histórias coletadas de familiares ou vizinhos, por meio de entrevistas curtas que podem ser gravadas ou anotadas. Esses relatos enriquecem

o mapa comparativo, permitindo que os alunos relacionem memórias pessoais e comunitárias às transformações espaciais observadas.

Por fim, organize um momento de apresentação, no qual cada grupo compartilha suas conclusões com a turma, destacando os lugares que sofreram mudanças significativas e os impactos dessas alterações na vida das pessoas. Esse compartilhamento coletivo permite comparar diferentes percepções, reforçando o entendimento de que o bairro é um território vivo, construído a partir de experiências individuais e coletivas.

A yellow callout box with a white border and a drop shadow, containing the text 'Notas para o(a) educador(a):'.

Notas para o(a) educador(a):

Essa atividade valoriza a Geografia da Infância e a experiência juvenil, reconhecendo o aluno como agente ativo na produção de conhecimento sobre seu território. O exercício integra história local e oral, permitindo que memórias pessoais sejam conectadas a transformações espaciais. A perspectiva de corpo-território é explorada ao relacionar vivências, deslocamentos e experiências sensoriais com o espaço, fortalecendo o vínculo afetivo e crítico com o bairro.

## Atividade 2: Entrevistas e Memórias do Bairro

Na atividade “Entrevistas e Memórias do Bairro”, o(a) educador(a) deve começar apresentando às crianças o conceito de história oral, explicando sua importância para compreender o passado do bairro Altinópolis a partir das experiências e memórias de seus moradores. É fundamental que os alunos entendam que cada relato pessoal é uma fonte valiosa para reconstruir a história local e perceber como os espaços mudaram ao longo do tempo.

Em seguida, organize os alunos em duplas e oriente-os a elaborar perguntas para conduzir entrevistas com moradores antigos ou familiares que tenham vivenciado transformações no bairro. Sugestões de perguntas incluem:

“Como era a rua onde você brincava?”  
“Que mudanças você lembra?” e  
“Quais pessoas ou lugares marcaram sua infância?”



Essa etapa estimula a reflexão crítica e a capacidade de escuta ativa, preparando os alunos para interagir com as memórias dos entrevistados de forma respeitosa e atenta.

Oriente que os registros das entrevistas sejam feitos de maneira adequada, podendo ser escritos, gravados ou em áudio, sempre assegurando que os relatos sejam preservados com ética e respeito aos entrevistados. É importante que os alunos aprendam a valorizar a narrativa do outro, compreendendo seu significado histórico e afetivo.

Após a coleta dos relatos, cada dupla deve elaborar um pequeno texto ou apresentação visual que reúna o relato do morador e as próprias impressões dos alunos sobre o espaço. Essa etapa permite que os estudantes relacionem a história individual com a percepção coletiva do bairro, integrando experiência vivida e análise crítica.

Para concluir, organize uma roda de conversa na qual cada dupla compartilhe suas descobertas e impressões com o grupo. Durante esse momento, destaque como cada história contribui para compreender a transformação do bairro e o significado dos lugares para diferentes gerações, reforçando a importância da memória coletiva, da escuta ativa e do vínculo afetivo com o território vivido.

Nota ao(a) educador(a):

A atividade conecta história oral e história local, valorizando a memória coletiva e a escuta das experiências vividas. Ao mesmo tempo, a Geografia da Infância e a perspectiva do corpo-território são respeitadas ao analisar como os moradores experienciavam o bairro em seus corpos e rotinas. Essa proposta promove empatia, senso crítico e consciência sobre a construção social e afetiva do território.

### Atividade 3 – Projeto: Meu Bairro, Meu Futuro

Na atividade “Projeto: Meu Bairro, Meu Futuro”, o(a) educador(a) deve começar com uma breve recapitulação da história do bairro Altinópolis, destacando as transformações mais importantes e os lugares de maior significado para a comunidade. Essa retomada serve para situar os alunos no contexto histórico e espacial, estimulando a reflexão sobre como o bairro evoluiu e quais aspectos ainda podem ser aprimorados.

Em seguida, peça que cada aluno escreva ou desenhe uma proposta de intervenção para melhorar o bairro, considerando diferentes dimensões, como aspectos ambientais, sociais e culturais. Podem ser incluídas ideias para praças, escolas, pontos de convivência, áreas verdes ou preservação de casas históricas, entre outros elementos. É fundamental que os alunos expressem suas ideias de forma criativa, integrando desenho, texto ou ambos, de acordo com suas habilidades e interesses.

Estimule os alunos a refletirem sobre como suas propostas respeitam os sentidos, memórias e necessidades das pessoas que vivem no bairro, conectando o projeto com experiências afetivas e corporais. Devem ser feitas perguntas que auxiliem na integração da percepção espacial, dos afetos e do corpo-território, tornando o exercício mais significativo.



Como esse lugar fará as pessoas se sentirem?" ou  
"Que memórias ele pode preservar ou criar?"

Após esse momento individual, organize os alunos em grupos para compartilhar e discutir seus projetos, incentivando sugestões, melhorias e a integração de ideias em um mapa coletivo do futuro do bairro. Essa etapa promove o diálogo, a colaboração e a construção coletiva do conhecimento sobre o território, valorizando diferentes perspectivas e experiências.

Para finalizar, realize uma exposição dos projetos, que pode ser feita na escola ou em formato virtual. Essa apresentação valoriza a participação e criatividade dos alunos, permitindo que toda a comunidade escolar conheça e reflita sobre as propostas, reforçando o vínculo afetivo e crítico dos estudantes com o bairro e estimulando o protagonismo juvenil na construção de espaços mais acolhedores e significativos.

Nota ao(a) educador(a):

Essa atividade valoriza a Geografia da Infância e encarnada, ao conectar corpo, sentidos e afetos com a percepção do espaço e planejamento do território. O exercício também estimula consciência crítica, protagonismo juvenil e visão de futuro, promovendo a reflexão sobre corpo-território e a relação entre memórias, história local e espaço urbano. É uma oportunidade de articular conhecimento histórico, vivência afetiva e ação cidadã no território.



# CAPÍTULO 2: CRESCENDO COM A COMUNIDADE

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### **Atividade 1 – Mapa Crítico das Transformações**

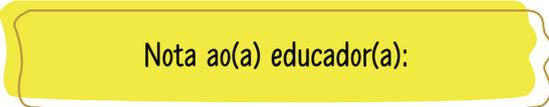
A atividade “Mapa Crítico das Transformações” é destinada a estudantes de 11 a 14 anos, do Ensino Fundamental 2, e tem como objetivo estimular a análise crítica das mudanças urbanas ocorridas no bairro, considerando não apenas alterações físicas, como asfalto, calçamento, viadutos e áreas verdes, mas também os impactos sociais dessas transformações. A proposta incentiva os alunos a compreender que o crescimento urbano envolve decisões que beneficiam alguns grupos e podem prejudicar outros, revelando a dimensão política e social do território.

A atividade inicia-se com uma introdução em sala de aula, na qual o o(a) educador(a) relembra, com base no Capítulo 2, as principais obras que transformaram o bairro ao longo do tempo. Nesse momento, é importante contextualizar os alunos sobre como e por que certas intervenções urbanas ocorreram, destacando os diferentes atores envolvidos e os efeitos dessas mudanças sobre a vida cotidiana da população. A narrativa deve incluir exemplos concretos, como a construção de ruas asfaltadas, a instalação de viadutos ou a redução de áreas verdes, para que os estudantes compreendam a dimensão histórica e social das transformações.

Em seguida, os alunos organizam-se em grupos para realizar uma comparação visual entre o bairro do passado e o bairro atual. Utilizando mapas antigos e contemporâneos ou fotografias de diferentes épocas, sobrepõem papel vegetal ou manteiga ao mapa antigo e identificam as mudanças estruturais ocorridas. Com canetas coloridas e régua, os estudantes destacam elementos que foram alterados, removidos ou introduzidos, registrando de forma clara e visual as transformações urbanas. Esse exercício estimula habilidades de observação, interpretação espacial e representação gráfica, ao mesmo tempo em que promove o trabalho colaborativo.

Após a identificação das mudanças, os grupos realizam uma análise crítica, discutindo quais espaços foram reduzidos, quais melhoraram e quais deixaram de existir, como praças, áreas de encontro ou vias de circulação. Os estudantes são incentivados a refletir sobre os impactos sociais dessas transformações, questionando quem se beneficiou com as obras e quem pode ter sido prejudicado. Essa etapa desenvolve a capacidade de argumentação, pensamento crítico e consciência sociopolítica, ao mostrar que o território urbano não é uma paisagem neutra, mas um espaço de disputa e negociação de interesses diversos.

Para finalizar, cada grupo apresenta sua leitura do bairro, destacando as alterações identificadas e as consequências sociais das intervenções urbanas. As apresentações devem incluir tanto a análise visual do mapa quanto a interpretação crítica dos efeitos sobre diferentes grupos da comunidade, promovendo a expressão oral, a argumentação fundamentada e o debate coletivo sobre questões urbanísticas e sociais.

A yellow callout box with a decorative, wavy border, containing the text 'Nota ao(a) educador(a):'.

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade se articula com a cartografia social e com a perspectiva decolonial, que entende o território como espaço de disputa, carregado de relações de poder, e não como uma paisagem neutra ou puramente física. Ao mapear e analisar criticamente as transformações, os estudantes aprendem a observar o bairro não apenas como espaço construído, mas como território vivido, marcado por experiências, desigualdades e decisões coletivas e individuais. A atividade desenvolve habilidades de leitura espacial, interpretação histórica e análise socioambiental, ao mesmo tempo em que fortalece a consciência de pertencimento e a responsabilidade cidadã. Além disso, ao incentivar que os alunos questionem quem se beneficia e quem é prejudicado pelas obras, a proposta promove o pensamento crítico, a empatia e a reflexão ética, contribuindo para a formação de jovens capazes de compreender e intervir de maneira consciente no espaço urbano.

## **Atividade 2 - Debate “O bairro está crescendo... Isto é bom para quem?”**

A atividade “Debate ‘O bairro está crescendo... Isto é bom para quem?’” é destinada a estudantes de 12 a 14 anos, do Ensino Fundamental 2, e propõe que os alunos participem de um debate dramatizado, representando diferentes moradores do bairro para discutir os impactos das mudanças urbanas. A proposta visa exercitar a empatia, ampliar a percepção das múltiplas perspectivas presentes em uma comunidade e estimular a construção coletiva de propostas de desenvolvimento urbano mais justas e inclusivas.

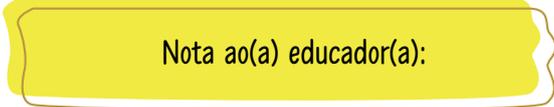
O ponto de partida da atividade é a apresentação do debate e a distribuição dos papéis. Cada aluno recebe ou escolhe uma ficha com o perfil de um personagem diverso, como um comerciante local, uma mulher negra idosa, um jovem LGBTQIA+, um trabalhador da obra ou uma criança do bairro. Cada perfil traz experiências, interesses e necessidades diferentes, permitindo que os estudantes compreendam como mudanças urbanas, como a construção de viadutos, calçamento ou remoção de áreas verdes, podem impactar distintos grupos sociais de maneira desigual.

Em seguida, os alunos se organizam em pequenos grupos para discutir como seu personagem se posicionaria diante de determinada obra ou intervenção urbana. Eles refletem sobre os benefícios e prejuízos que cada mudança pode trazer para seu personagem e planejam os argumentos que irão apresentar. Essa etapa incentiva a análise crítica, a escuta ativa e a construção coletiva de ideias, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades de argumentação, planejamento e empatia, pois cada estudante precisa se colocar no lugar do outro para compreender seus interesses e limitações.

O debate dramatizado ocorre em uma “assembleia comunitária”, organizada em círculo, na qual os grupos expõem seus argumentos representando seus personagens. Cada estudante fala em primeira pessoa, defendendo as perspectivas do personagem que representa, e os demais ouvem, questionam e complementam as ideias apresentadas. Esse formato permite que os alunos vivenciem a complexidade das decisões urbanas, percebendo que o espaço urbano é construído e negociado por sujeitos diferentes, com necessidades e direitos distintos.

Ao final, a turma realiza uma síntese coletiva, propondo soluções urbanas que atendam à diversidade de necessidades e promovam justiça social e equidade no bairro.

Essa etapa incentiva a negociação, o diálogo e a criatividade, ao mesmo tempo em que reforça a importância de considerar múltiplos pontos de vista na tomada de decisões que afetam a comunidade como um todo.

A yellow callout box with a white border and a drop shadow, containing the text 'Nota ao(a) educador(a):'.

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade fortalece a compreensão do direito à cidade, mostrando que o território urbano é um espaço vivo, moldado por interações sociais, interesses diversos e relações de poder. Ela dialoga com perspectivas decoloniais e com a educação crítica, ao valorizar a voz de sujeitos historicamente invisibilizados ou marginalizados e ao destacar que decisões sobre o espaço não são neutras. Além disso, promove competências socioemocionais, como empatia, escuta ativa e colaboração, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades cognitivas, como argumentação, análise crítica e resolução de problemas. Ao dramatizar diferentes experiências e refletir sobre impactos sociais, os alunos aprendem a perceber a cidade como resultado de múltiplas ações e decisões, compreendendo que o crescimento urbano deve ser pensado de forma inclusiva e responsável, para atender a todos os habitantes de maneira justa e equitativa.

### **Atividade 3 – Jornal do Bairro: Passado e Presente**

A atividade “Jornal do Bairro: Passado e Presente” é destinada a estudantes de 12 a 14 anos, do Ensino Fundamental 2, e propõe que os alunos construam coletivamente um jornal que registre as transformações do bairro, destacando histórias, acontecimentos, obras urbanas e experiências das pessoas que moram ou trabalharam no local. O objetivo é desenvolver habilidades de pesquisa, registro crítico e expressão escrita, ao mesmo tempo em que se aprofunda a compreensão das mudanças sociais e físicas do território e se valoriza a memória local.

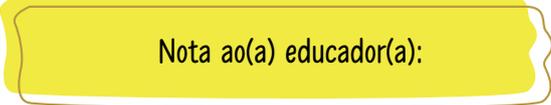
O ponto de partida da atividade é uma roda de conversa em sala, na qual o o(a) educador(a) relembra os principais acontecimentos do Capítulo 2, como a chegada da água encanada, a construção de viadutos, mudanças nas praças e a instalação de novos comércios. O(a) educador(a) estimula os alunos a refletirem sobre como essas alterações afetaram diferentes grupos sociais e como a vida cotidiana no bairro mudou ao longo do tempo. Esse momento inicial serve para contextualizar os estudantes, provocando perguntas e discussões que os incentivem a observar tanto os aspectos materiais quanto as relações humanas envolvidas nas transformações.

Em seguida, os alunos se organizam em grupos para pesquisar e coletar informações sobre o bairro. Eles podem entrevistar moradores, buscar fotografias antigas, registros de obras, relatos de comerciantes ou informações em livros e arquivos locais. Cada grupo organiza os dados coletados e seleciona os acontecimentos que considerar mais relevantes para compor o jornal, destacando diferentes perspectivas sobre os impactos das transformações urbanas. Essa etapa promove o desenvolvimento da pesquisa documental, oral e fotográfica, além de fortalecer a capacidade de análise crítica e síntese.

Com o material reunido, os grupos elaboram páginas do jornal, combinando texto, imagens, legendas e ilustrações. É incentivado que o conteúdo inclua vozes diversas, representando a pluralidade de moradores, gêneros, idades e etnias, bem como os impactos positivos e negativos das obras e mudanças urbanas. O jornal pode conter seções como “Histórias do Passado”, “O Bairro Hoje”, “Personagens que Transformam”, e “Reflexões e Propostas”, estimulando a criatividade e a expressão artística, ao mesmo tempo em que organiza informações de forma clara e coerente.

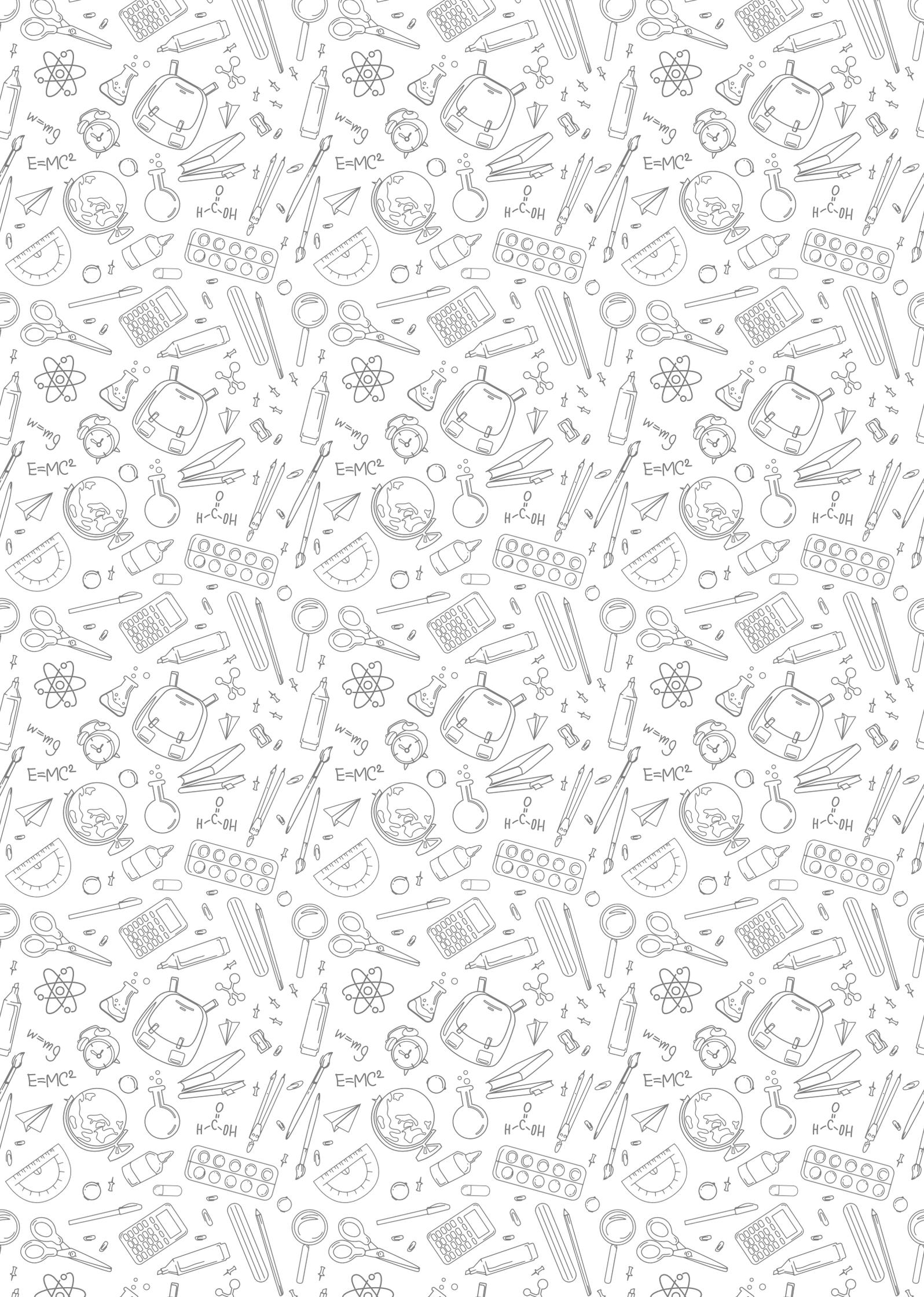
Por fim, os grupos apresentam o jornal para a turma, explicando suas escolhas e destacando o que aprenderam sobre a história e o presente do bairro. Esse momento

de partilha permite que todos percebam diferentes formas de observar e interpretar o território, incentivando o debate, a escuta ativa e a valorização de múltiplas perspectivas.

A yellow callout box with a white border and a decorative, wavy right edge. It contains the text "Nota ao(a) educador(a):".

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade articula pesquisa histórica, oralidade, expressão escrita e visual, além de desenvolver a consciência crítica sobre o espaço urbano. Ao produzir o jornal, os alunos aprendem a reconhecer que o território é construído não apenas por obras físicas, mas pelas relações humanas e pelo cotidiano dos moradores. A proposta está alinhada à perspectiva decolonial, ao valorizar saberes locais, práticas populares e experiências de sujeitos historicamente invisibilizados, reforçando a importância da memória coletiva. Além disso, promove habilidades cognitivas e socioemocionais, como análise crítica, empatia, trabalho em grupo, comunicação e responsabilidade social, preparando os alunos para compreender e intervir de maneira consciente no território que habitam.



# CAPÍTULO 3 - NOSSOS PONTOS DE ENCONTRO E REFERÊNCIAS CULTURAIS

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### **Atividade 1 – Mapa da Diversidade Territorial**

A atividade “Mapa da Diversidade Territorial” é destinada a turmas de 11 a 14 anos do Ensino Fundamental 2 e propõe a produção de uma cartografia social que identifique espaços do bairro relevantes para diferentes grupos da comunidade. O objetivo central da atividade é revelar como o território é vivido de formas diversas, como essas experiências influenciam a convivência e como a organização espacial pode refletir desigualdades, exclusões ou oportunidades de interação e pertencimento.

A atividade inicia-se com a identificação de diferentes coletivos presentes no bairro, como mulheres, idosos, pessoas LGBTQIA+, integrantes de povos de terreiro, migrantes, entre outros. O(a) educador(a) conduz uma discussão sobre as particularidades de cada grupo, seus usos do espaço, suas necessidades e os desafios que enfrentam, estimulando a percepção de que o território não é neutro, mas politicamente estruturado e vivido de maneiras distintas. Esse levantamento inicial fortalece a capacidade de observação crítica e a consciência sobre diversidade cultural, social e territorial.

Em seguida, os alunos realizam o mapeamento propriamente dito. Utilizando mapas impressos do bairro e papel vegetal, cada grupo marca os lugares onde os diferentes coletivos se reúnem, convivem e enfrentam desafios, como praças, ruas, centros comunitários, escolas ou locais de trabalho. A atividade permite que os alunos visualizem as sobreposições, lacunas e zonas de conflito ou exclusão, desenvolvendo habilidades de análise espacial, percepção de padrões urbanos e compreensão da relação entre espaço físico e social.

Após o mapeamento, a turma realiza uma análise crítica dos espaços, discutindo questões de acessibilidade, segurança, reconhecimento social e visibilidade desses

territórios. Os alunos são incentivados a refletir sobre quais áreas favorecem a inclusão, quais são negligenciadas ou estigmatizadas e como políticas públicas ou ações comunitárias podem transformar a vivência desses lugares. Essa etapa promove debate, argumentação e pensamento crítico, conectando a cartografia à experiência concreta de vida em comunidade.

A yellow callout box with a white border and a drop shadow, containing the text 'Nota ao(a) educador(a):'.

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade enfatiza o território como espaço político, mostrando que o modo como diferentes grupos ocupam, utilizam e percebem o bairro está profundamente ligado a relações de poder, cultura e desigualdade. Ela se alinha à perspectiva decolonial, ao valorizar saberes locais e vivências de sujeitos historicamente marginalizados, permitindo que os alunos compreendam o território não apenas como paisagem, mas como espaço de disputas, afetos e significados sociais. Além disso, a atividade desenvolve competências cognitivas, como análise, síntese e representação gráfica, bem como habilidades socioemocionais, incluindo empatia, respeito à diversidade e consciência crítica sobre justiça territorial. Ao produzir a cartografia social, os alunos passam a perceber o bairro como um espaço dinâmico e plural, reconhecendo que a convivência harmoniosa depende do reconhecimento, valorização e cuidado com a diversidade de experiências e necessidades presentes no território.

## **Atividade 2 - Assembleia das Diferenças**

A atividade “Assembleia das Diferenças” é destinada a turmas de 12 a 14 anos do Ensino Fundamental 2 e consiste em uma simulação de assembleia comunitária na qual os alunos debatem um caso de conflito envolvendo preconceito, discriminação ou exclusão social. O objetivo central é exercitar a escuta ativa, a negociação de soluções e a valorização de diferentes perspectivas, reconhecendo que cada indivíduo, como corpo-território, vivencia e percebe o bairro de maneiras singulares. A dinâmica inicia-se com a distribuição de papéis, na qual cada aluno assume a identidade de um morador com características, vivências e perspectivas próprias, incluindo diversidade de gênero, raça, idade, orientação sexual e origem cultural. O(a) educador(a) contextualiza o caso de conflito a ser discutido, explicando o cenário de forma clara, mas deixando espaço para interpretação e argumentação dos alunos, de modo que eles possam pensar e se posicionar a partir da identidade que representam. Essa etapa estimula a empatia e a compreensão de realidades distintas, preparando os alunos para um debate ético e respeitoso.

Durante a discussão, os alunos analisam o caso apresentado e propõem soluções coletivas para resolver o conflito, levando em consideração os interesses e necessidades de cada personagem. O debate é conduzido de forma a incentivar a escuta ativa, a argumentação fundamentada, a negociação e o respeito às diferenças, evidenciando que a resolução de problemas no território depende da capacidade de compreender múltiplas perspectivas e de buscar acordos inclusivos. O(a) educador(a) atua como mediador, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e que o diálogo permaneça produtivo e respeitoso.

Na fase final da atividade, a turma sintetiza as propostas discutidas em uma carta de princípios para convivência no bairro, destacando valores como respeito, solidariedade, inclusão e cuidado com o espaço comum. Esse registro coletivo reforça a compreensão de que a convivência harmoniosa é resultado de decisões compartilhadas e da valorização de todos os sujeitos que compõem a comunidade. Além disso, cria um documento que pode ser usado como referência para outras atividades escolares ou para reflexão sobre comportamentos cotidianos.

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade promove uma prática democrática e participativa, dando visibilidade a identidades historicamente marginalizadas e rompendo hierarquias coloniais de fala, nas quais apenas certos grupos ou perspectivas são valorizados. Ela articula o conceito de corpos-territórios, mostrando que cada indivíduo é um agente ativo no espaço que habita e que suas experiências, desejos e desafios influenciam a dinâmica comunitária. A atividade também desenvolve habilidades cognitivas, como análise crítica, argumentação e síntese, e competências socioemocionais, como empatia, cooperação e capacidade de negociação. Ao vivenciar o debate e a construção coletiva de princípios, os alunos aprendem que o território é simultaneamente físico, social e simbólico, e que a inclusão de vozes diversas é essencial para a construção de comunidades mais justas, éticas e solidárias.

### **Atividade 3 – Podcast “Território Vivo”**

A atividade “Podcast ‘Território Vivo’” é destinada a turmas de 13 a 14 anos do Ensino Fundamental 2 e propõe que os alunos produzam um podcast coletivo a partir de relatos sobre diversidade, convivência e experiências cotidianas no bairro. O objetivo principal é criar uma narrativa colaborativa que valorize memórias locais, utilizando a tecnologia como ferramenta de registro, expressão e resistência cultural, fortalecendo a percepção do território como espaço vivo e plural.

O desenvolvimento da atividade começa com a definição do tema do episódio. A turma, mediada pelo o(a) educador(a), escolhe eixos que orientem a produção, como afetos, resistências, celebrações ou práticas comunitárias. Essa etapa estimula reflexão crítica, levantamento de valores e identificação de experiências significativas no bairro, permitindo que os alunos compreendam que o território é constituído não apenas por espaços físicos, mas por relações, histórias e afetos diversos.

Em seguida, os alunos realizam a coleta de informações. Eles entrevistam moradores, familiares e colegas para ouvir relatos sobre experiências de convivência, solidariedade, resistência e celebração, registrando as falas por meio de gravadores, celulares ou anotações. Essa fase promove habilidades de escuta ativa, empatia e sensibilidade cultural, pois os estudantes precisam compreender diferentes pontos de vista, respeitar vozes diversas e traduzir essas narrativas para uma linguagem sonora que seja fiel às experiências compartilhadas.

Após a coleta, os alunos passam para a edição e produção do episódio, utilizando editores de áudio simples. Eles organizam as falas, adicionam comentários e contextualizações, e preparam o material para divulgação na comunidade escolar. Essa etapa desenvolve competências técnicas e criativas, incluindo planejamento, organização da informação, edição digital e comunicação sonora. A produção coletiva reforça a ideia de que o conhecimento sobre o território é compartilhado e que a tecnologia pode ser utilizada como instrumento de valorização da memória, das vozes e das culturas locais.

Nota ao(a) educador(a):

Do ponto de vista pedagógico, a atividade integra conceitos de mídia cidadã e cartografia afetiva, permitindo que os alunos percebam seu papel ativo na construção e registro de narrativas sobre o território. O corpo-território é central, pois cada relato carrega experiências corporais, percepções sensoriais e relações afetivas com os espaços. Ao mesmo tempo, a atividade se alinha à perspectiva decolonial, ao valorizar narrativas plurais, dar visibilidade a sujeitos e histórias historicamente marginalizados e promover o reconhecimento da diversidade cultural como parte integrante da identidade comunitária. Além disso, a atividade desenvolve habilidades cognitivas, como análise, síntese e organização de informações, e habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação, escuta ativa e respeito à diversidade. Ao transformar vozes individuais em um registro coletivo, os alunos compreendem que o território é tanto um espaço físico quanto simbólico, e que a documentação de experiências e afetos fortalece a memória comunitária e a construção de identidades plurais.



# CAPÍTULO 4 - ARTE EM CADA ESQUINA

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### **Atividade 1 - Cartografia das Práticas Culturais**

Na atividade “Cartografia das Práticas Culturais”, voltada para turmas de 11 a 12 anos, o ponto de partida é uma conversa coletiva em que o(a) o(a) educador(a)(a) provoca a turma a pensar: “Onde a cultura acontece no nosso bairro?”. A partir dessa pergunta, os estudantes começam a listar festas populares, feiras de artesanato, oficinas comunitárias, rodas de conversa, ensaios de grupos musicais ou de dança, encontros religiosos e outros eventos que mobilizam pessoas e fortalecem vínculos. Essa primeira etapa serve para despertar a memória e a percepção dos alunos sobre a vida cultural do território, permitindo que cada um traga exemplos conhecidos ou descobertos em conversas anteriores com familiares.

Em seguida, a turma se organiza em pequenos grupos para aprofundar a pesquisa. Cada grupo recebe a missão de entrevistar moradores, comerciantes, líderes comunitários ou artistas locais para saber onde e quando ocorrem essas atividades, quem as organiza, se são abertas a todos e quais públicos costumam participar. As entrevistas podem ser registradas em anotações, áudios ou fotografias, valorizando tanto o conteúdo quanto o processo de escuta. Ao retornarem à escola, os alunos reúnem todas as informações coletadas, discutindo em conjunto como representá-las graficamente.

Usando um mapa impresso do bairro ou uma base desenhada em papel Kraft, os estudantes marcam cada local identificado, utilizando símbolos ou cores para diferenciar os tipos de atividade cultural e a natureza do acesso (aberto, restrito, pago, gratuito). Essa visualização espacial permite perceber concentrações, ausências e desigualdades na oferta cultural, além de evidenciar pontos de encontro que fortalecem a vida comunitária. Por fim, a turma apresenta o mapa para a comunidade escolar, destacando tanto os espaços consolidados quanto aqueles que poderiam receber novas iniciativas culturais.

Nota ao(a) educador(a):

Essa atividade articula a cartografia social com a análise crítica do território, permitindo que os estudantes compreendam a dimensão política e desigual da distribuição de atividades culturais. A partir da perspectiva da Geografia da Infância, ela reconhece que os jovens não são apenas consumidores de cultura, mas também produtores e mediadores de práticas culturais, capazes de perceber e intervir no espaço em que vivem. A Geografia Encarnada aparece na maneira como o mapeamento nasce da experiência vivida e do contato direto com lugares e pessoas, mobilizando não apenas a observação, mas também a memória corporal associada a cheiros, sons e movimentos presentes nesses eventos. Com base na História Oral, o levantamento privilegia as vozes dos moradores como fontes legítimas de informação e interpretação do território, preservando relatos que conectam cada prática cultural a histórias de luta, celebração ou resistência.

Sob a lente decolonial, a atividade desafia narrativas que tendem a invisibilizar práticas culturais populares ou comunitárias, valorizando expressões que muitas vezes são marginalizadas em favor de eventos formais e institucionalizados. Ao mesmo tempo, incentiva a reflexão sobre quem tem acesso aos bens culturais, estimulando o protagonismo dos estudantes na proposição de ações que ampliem esse acesso e fortaleçam a participação comunitária.

## Atividade 2 – Entrevista Temática: “Como Aprendi

Na atividade “Entrevista Temática: Como Aprendi”, destinada a turmas de 12 a 13 anos, a proposta é mergulhar nos modos como o conhecimento circula no bairro fora dos muros da escola, valorizando histórias de aprendizado transmitidas pela experiência direta e pela convivência. O trabalho começa com uma roda de conversa, conduzida pelo(a) o(a) educador(a)(a), na qual os alunos compartilham exemplos de pessoas que conhecem e que dominam um saber específico – como preparar um prato típico, construir uma ferramenta, trançar um cabelo, tocar um instrumento, costurar, cultivar uma horta, organizar uma festa ou curar um mal-estar com um remédio caseiro. A partir desses exemplos, o grupo constrói coletivamente um conjunto de perguntas-guia, como:

“Quem lhe ensinou?”  
“Onde você aprendeu?”  
“Quanto tempo levou para aprender?” e  
“O que essa prática significa para você?”



Com as perguntas definidas, cada estudante ou dupla escolhe um(a) morador(a) para entrevistar, priorizando pessoas que tenham uma ligação afetiva com o aluno, mas que também tragam histórias de diferentes origens culturais, idades e gêneros. As entrevistas podem ser registradas em áudio, vídeo ou por meio de anotações, sempre com cuidado para preservar as palavras, expressões e modos de falar do entrevistado. Essa preservação é fundamental, pois ela carrega não apenas o conteúdo, mas também o ritmo, o tom e o afeto que dão sentido à narrativa.

Após a coleta, os alunos retornam à sala de aula para preparar a apresentação das histórias. Essa socialização pode ocorrer em formato oral, com cada estudante recontando a trajetória do entrevistado, ou em formato escrito, organizando um pequeno texto acompanhado de fotos ou ilustrações. Em ambos os casos, o foco está em valorizar a singularidade de cada relato e o contexto em que o saber foi aprendido. A atividade se encerra com a construção de um mural coletivo intitulado “Saberes que nos Habitam”, reunindo trechos marcantes das entrevistas e imagens que representem visualmente a diversidade de aprendizados do bairro.

Nota ao(a) educador(a):

Esta atividade opera no cruzamento entre História Oral e Geografia da Infância, pois convida os alunos a se perceberem como mediadores entre gerações e a compreenderem que o território é feito não apenas de espaços físicos, mas também de fluxos de conhecimento e memória. A oralidade é tratada como fonte legítima, respeitando a estética própria da fala e reconhecendo que gestos, entonações e pausas são parte integrante do conteúdo transmitido. Pela perspectiva da Geografia Encarnada, o aprendizado não formal apresentado nas entrevistas revela a dimensão corporal do saber: a forma como as mãos se movem, o corpo se posiciona ou os sentidos se aguçam para realizar uma prática. Esses elementos reforçam que o conhecimento não se limita à abstração, mas é vivido no corpo e no cotidiano. Sob a ótica decolonial, a atividade questiona a centralidade do conhecimento escolarizado como única forma válida de saber, colocando em pé de igualdade experiências que brotam da tradição oral, da observação e da prática comunitária. Ao legitimar esses modos de aprender como patrimônio imaterial, ela desafia hierarquias coloniais e reafirma que o território é também um espaço de produção intelectual, mesmo quando essa produção não está registrada em livros.

### **Atividade 3 – Documentário Curto “Memórias do Fazer”**

Para alunos de 13 a 14 anos, a proposta desta atividade é a produção de um vídeo curto que registre uma prática, ofício ou saber-fazer presente no bairro, conectando história oral, memória local e linguagem audiovisual. O objetivo central é que os estudantes se tornem protagonistas na preservação e transmissão de saberes culturais, aproximando-os de sua própria comunidade e fortalecendo o vínculo com o território em que vivem.

O desenvolvimento da atividade se dá em etapas, cuidadosamente estruturadas para orientar o processo de pesquisa, registro e narrativa audiovisual:

- **Escolha da prática ou ofício:** Cada grupo de estudantes identifica uma prática ou ofício que considerem representativo do bairro. Pode ser uma atividade tradicional, como conserto de bicicletas, cultivo de plantas, artesanato, culinária típica ou qualquer saber-fazer cotidiano que envolva pessoas da comunidade. O(a) educador(a) deve estimular os alunos a observarem tanto atividades visíveis quanto aquelas que se manifestam de forma mais sutil, valorizando saberes que muitas vezes passam despercebidos.
- **Planejamento do documentário:** Os alunos elaboram um roteiro básico, definindo: quais aspectos da prática serão registrados, quem será entrevistado, quais perguntas guiarão a conversa e que cenas do dia a dia serão filmadas. Nessa etapa, o o(a) educador(a) orienta os estudantes a pensar em elementos da narrativa audiovisual, como enquadramento, iluminação, som e sequência de cenas, sem exigir equipamento profissional, mas destacando a importância de captar imagens e sons que transmitam autenticidade.
- **Entrevista com o praticante:** Cada grupo realiza a entrevista com a pessoa responsável pelo ofício ou prática. Aqui, o foco é a história oral: os alunos devem ouvir ativamente, registrando relatos sobre como a prática é realizada, sua importância pessoal e comunitária, e possíveis transformações ao longo do tempo. O(a) educador(a) deve reforçar questões éticas, como pedir autorização para gravação, respeitar o espaço do entrevistado e valorizar seu protagonismo, mostrando que a memória pertence à comunidade e não apenas à escola.
- **Registro do processo:** Paralelamente à entrevista, os alunos filmam o desenvolvimento da prática, captando detalhes que evidenciem a técnica, os instrumentos utilizados e os espaços em que ocorre. O(a) educador(a) deve estimular a observação sensível do corpo-território, percebendo como os movimentos, objetos e lugares se entrelaçam na produção cultural.

- Edição e montagem: Após a coleta de imagens e depoimentos, os alunos organizam o material em um vídeo curto, de aproximadamente 3 a 5 minutos. O(a) educador(a) orienta sobre a montagem da narrativa, destacando que não se trata apenas de mostrar “como se faz”, mas de contar uma história que relacione memória, identidade e território. É importante que cada vídeo contenha uma introdução, desenvolvimento e conclusão que expressem a relevância cultural da prática registrada.
- Exibição e compartilhamento: Os documentários são apresentados para toda a escola, podendo ser divulgados em espaços comunitários, redes sociais da escola ou eventos locais. Essa etapa valoriza o protagonismo juvenil, reforçando a ideia de que os estudantes são produtores de conhecimento e memória coletiva.

Nota ao(a) educador(a):

Esta atividade integra linguagem audiovisual e história oral, reforçando o papel do estudante como narrador e produtor de memória. Ao registrar práticas do bairro, os alunos desenvolvem pensamento crítico sobre a relação entre mídia, território e identidade, percebendo que narrativas visuais e orais moldam a compreensão do mundo ao seu redor. O exercício também incentiva habilidades de observação, escuta ativa, comunicação e colaboração, além de promover empatia e reconhecimento da diversidade cultural local. É fundamental que o o(a) educador(a) destaque a importância de respeitar e valorizar as vozes da comunidade, reconhecendo que o conhecimento cultural é coletivo e carregado de significado histórico. Ao final, o documentário torna-se não apenas um registro de saberes, mas um instrumento de fortalecimento do pertencimento, da memória e da identidade do bairro.



# CAPÍTULO 5 - A VOZ DO POVO

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### **Atividade 1 - Documentário curto “Histórias que moram aqui”**

A atividade inicia-se com uma apresentação do objetivo aos alunos, explicando que o propósito é conhecer melhor o bairro por meio das histórias das pessoas que nele vivem ou trabalham. O(a) educador(a) começa contextualizando o bairro, reforçando a importância de diferentes espaços como praças, comércios, igrejas, centros culturais e como eles refletem a memória coletiva e a identidade local. Essa introdução deve estimular os alunos a perceberem que cada lugar carrega histórias, experiências e saberes, conectando-se à geografia das infâncias, ao valorizar a percepção sensível e cotidiana dos adolescentes sobre seu território.

Em seguida, o(a) educador(a) organiza a turma em grupos de 3 a 5 alunos, garantindo diversidade de interesses e habilidades dentro de cada equipe. Cada grupo escolhe um ponto do bairro que queira explorar, considerando o significado cultural, social ou histórico daquele espaço. Antes de saírem para as entrevistas, é essencial realizar uma preparação coletiva, orientando sobre como elaborar perguntas abertas e respeitadas, como apresentar-se, registrar informações de forma ética e como lidar com a câmera ou gravador. O(a) professor(a) pode sugerir perguntas como:



“O que este lugar significa para você?”  
“Quais lembranças ele traz?” ou  
“Como ele mudou ao longo do tempo?”

Essa etapa aproxima os alunos da geografia encarnada, pois enfatiza a experiência direta e sensível do território, reconhecendo o bairro como vivido e sentido, não apenas observado de fora.

A fase seguinte é a produção de campo. Os grupos saem para visitar o ponto escolhido, conduzindo entrevistas com moradores, comerciantes, líderes culturais ou frequentadores do local. O(a) educador(a) acompanha, apoiando a organização do material, orientando sobre enquadramentos de imagem e cuidado com os entrevistados. É importante estimular os alunos a observar o ambiente, registrar sons, detalhes visuais e interações, reforçando o olhar atento e afetivo sobre o território. Durante as entrevistas, incentiva-se o registro de saberes locais e memórias históricas, valorizando práticas culturais, histórias de resistência ou transformações urbanas; esta dimensão conecta a atividade à perspectiva decolonial, ao dar voz e visibilidade a narrativas subalternas e cotidianas, muitas vezes ignoradas em registros oficiais.

Após a coleta de material, os grupos retornam à escola para a edição do documentário, produzindo vídeos de 3 a 5 minutos que integrem entrevistas, imagens do local e pequenas sequências que contextualizem o espaço escolhido. O(a) educador(a) orienta quanto à organização narrativa: início que apresenta o local, desenvolvimento com depoimentos e imagens, e encerramento que sintetize o significado do ponto para a comunidade. Pode-se trabalhar também trilhas sonoras simples ou legendas, incentivando a criatividade e a expressão dos alunos, sem perder o respeito pelo conteúdo coletado.

Na etapa final, ocorre a apresentação do documentário para a escola e a comunidade, seguida de uma reflexão coletiva. O(a) educador(a) conduz um debate sobre o que os alunos aprenderam sobre o bairro, sobre as histórias que escutaram e sobre a importância de valorizar os espaços e os saberes locais. Sugere-se registrar essa experiência em um mural ou plataforma digital da escola, ampliando o impacto da ação.

Nota ao(a) educador(a):

Esta atividade conecta-se fortemente à geografia das infâncias, ao reconhecer que adolescentes percebem e interpretam o território de maneira ativa e sensível, incorporando seus corpos e experiências no processo de aprendizagem. A geografia encarnada se manifesta na vivência direta do espaço, na interação com os moradores e na atenção aos sentidos da visão, audição, tato, olfato, durante as

entrevistas. A perspectiva decolonial se evidencia ao valorizar narrativas locais, saberes tradicionais e memórias subalternas, promovendo o protagonismo juvenil e a construção de um registro cultural próprio, que dialoga com a comunidade. O documentário torna-se, assim, não apenas um exercício técnico, mas uma prática de reconhecimento, pertencimento e cuidado com o território.

## **Atividade 2 - Linha do tempo do bairro**

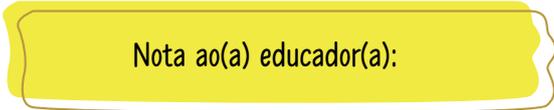
A atividade começa com uma introdução do tema aos alunos, contextualizando o bairro e explicando que será construída uma linha do tempo que represente mudanças físicas, sociais e culturais ao longo dos anos. O(a) educador(a) apresenta o conceito de linha do tempo, destacando que ela permite organizar acontecimentos de forma cronológica, mas também valorizar memórias, experiências e saberes locais. É interessante iniciar com uma conversa sobre o bairro atual, perguntando aos alunos o que mudaram ou permaneceram iguais em suas ruas, praças, escolas e comércios, estimulando a percepção sensível e cotidiana que caracteriza a geografia das infâncias, ao reconhecer que crianças e adolescentes vivenciam o espaço de forma única e significativa.

Em seguida, os alunos são organizados em grupos de pesquisa, cada um responsável por investigar diferentes aspectos do bairro, como crescimento populacional, obras e construções, festas e celebrações comunitárias, movimentos culturais ou políticos. O(a) educador(a) orienta sobre fontes de pesquisa, incluindo fotos antigas e recentes, jornais, revistas, entrevistas com moradores antigos e registros orais de familiares. É importante destacar a necessidade de respeito e ética na coleta de informações, garantindo que os relatos de pessoas entrevistadas sejam registrados com cuidado e atenção. Durante essa etapa, o(a) professor(a) reforça a importância de valorizar saberes locais e memórias vividas, aproximando a atividade da geografia encarnada, que reconhece o território como experiência vivida e sentida, e não apenas como objeto de estudo.

Com o material coletado, inicia-se a construção coletiva da linha do tempo em sala ou em um mural no pátio. Cada grupo organiza fotos, recortes de jornais e trechos de entrevistas ou relatos orais de acordo com a cronologia, contextualizando as transformações físicas e sociais do bairro. O(a) educador(a) incentiva os alunos a discutir e refletir sobre os acontecimentos, destacando impactos positivos e desafios enfrentados pela comunidade. É fundamental que a linha do tempo destaque a participação de mulheres, pessoas negras, indígenas e migrantes, visibilizando atores que muitas vezes foram marginalizados nos registros oficiais. Esse cuidado reforça a perspectiva decolonial, ao valorizar narrativas subalternas e promover um olhar crítico sobre a história local, estimulando a consciência social e a inclusão.

Durante todo o processo, o(a) educador(a) deve estimular a reflexão crítica e afetiva sobre as transformações do bairro, promovendo debates sobre pertencimento,

memória coletiva e relações sociais. Os alunos podem ser convidados a apresentar a linha do tempo para outras turmas ou para a comunidade escolar, compartilhando descobertas, histórias e imagens. Essa etapa final consolida o aprendizado, reforça o protagonismo juvenil e fortalece vínculos com o território, mostrando que a história do bairro é feita por pessoas que vivem e transformam o espaço diariamente.

A yellow callout box with a white border and a decorative, wavy right edge. It contains the text "Nota ao(a) educador(a):".

Nota ao(a) educador(a):

A atividade articula a geografia das infâncias, ao reconhecer a percepção ativa e sensível dos adolescentes sobre o bairro; a geografia encarnada, ao enfatizar experiências diretas, sensoriais e afetivas com os espaços vividos; e a perspectiva decolonial, ao valorizar narrativas de grupos historicamente marginalizados, promovendo visibilidade e reconhecimento. A construção da linha do tempo não se limita a organizar eventos cronologicamente, mas permite que os alunos se apropriem do território, compreendam sua história de maneira crítica e afetiva, e reconheçam a diversidade de experiências que moldam a vida comunitária.

### Atividade 3 - Projeto de intervenção "Nosso bairro, nosso futuro"

A atividade começa com uma introdução reflexiva sobre o bairro, conduzida pelo(a) educador(a), que explica aos alunos que eles serão protagonistas na identificação de problemas ou potenciais do território onde vivem. É importante contextualizar os alunos sobre o conceito de intervenção comunitária, mostrando que a ação planejada não é apenas uma tarefa escolar, mas uma forma de contribuir efetivamente para melhorar a vida da comunidade. O(a) professor(a) inicia com perguntas provocativas para estimular o olhar atento e crítico:

"Quais espaços do bairro vocês gostam mais de frequentar e por quê?"  
"O que falta para que todos se sintam bem nesse lugar?"  
"Que festas, tradições ou espaços culturais vocês acham importante preservar?"



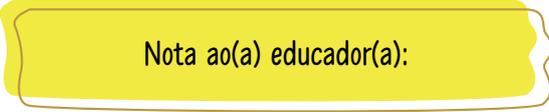
Esse momento aproxima a atividade da geografia das infâncias, pois valoriza a percepção sensível e cotidiana dos adolescentes sobre o espaço em que vivem, considerando suas experiências e sentimentos.

Na etapa seguinte, os alunos são organizados em grupos de 3 a 5 participantes, e cada grupo realiza um diagnóstico do bairro, identificando problemas (como falta de áreas verdes, lixo, degradação de praças) ou potenciais (festas populares, praças subutilizadas, grupos culturais locais). O(a) educador(a) orienta sobre métodos de investigação, incluindo observação direta, entrevistas com moradores, registro fotográfico e pesquisa em arquivos locais, garantindo que os alunos aprendam a coletar informações de forma ética e responsável. Essa fase coloca os adolescentes em contato direto com o território, estimulando a geografia encarnada, pois eles experimentam, sentem e interpretam o espaço, não apenas a partir de dados, mas através da vivência sensível e concreta.

Com o diagnóstico concluído, os grupos passam à elaboração da proposta de intervenção. O(a) educador(a) sugere formas de ação adaptadas à realidade local, como mutirões de limpeza, oficinas de plantio ou preservação de árvores, campanhas de conscientização sobre cuidados com a praça, resgate de festas populares ou

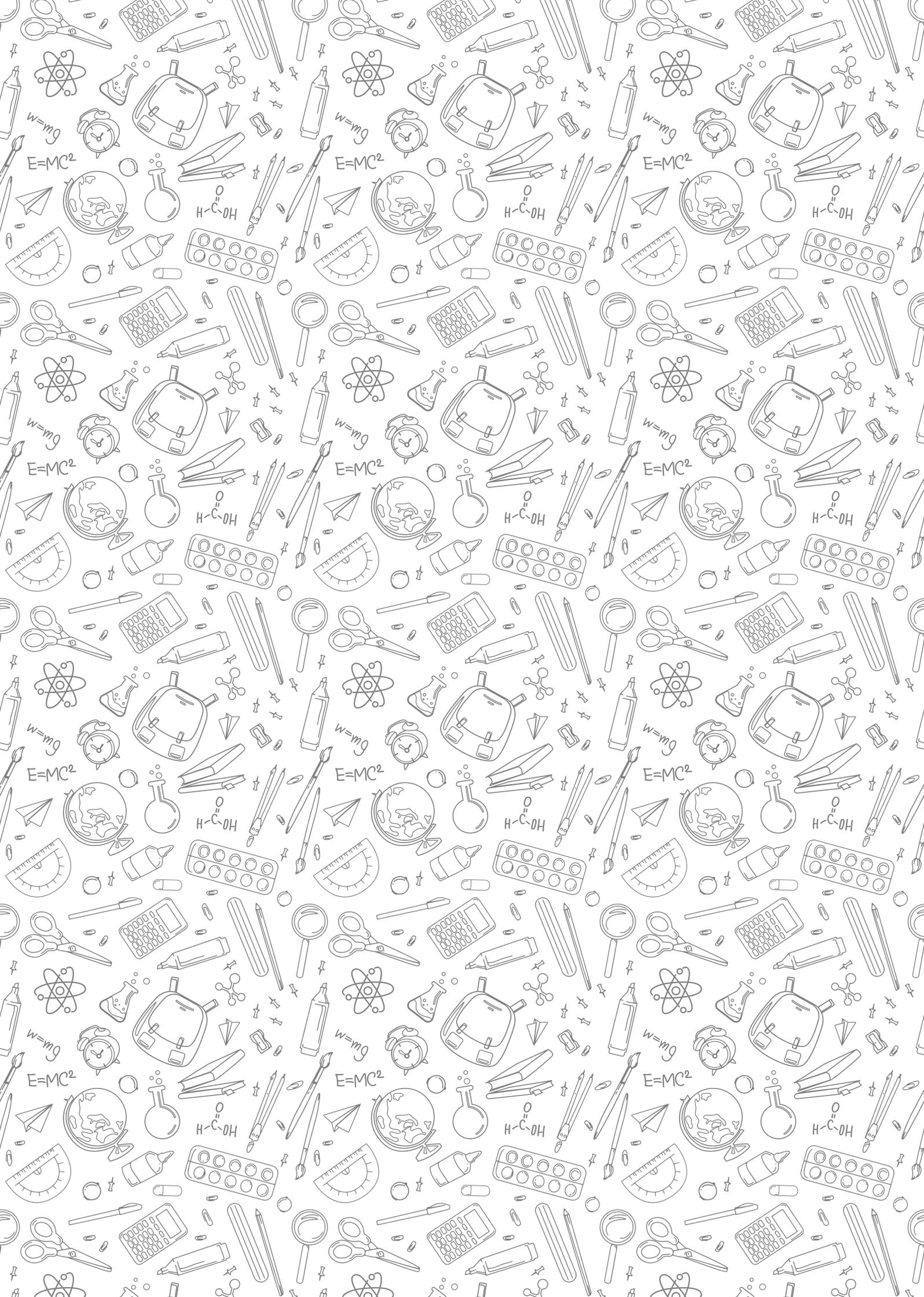
valorização de grupos culturais. Os alunos devem planejar de maneira concreta: definir objetivos, organizar materiais, estabelecer responsáveis e criar um cronograma de execução. Durante essa etapa, o(a) professor(a) incentiva que se considere a diversidade social do bairro, destacando a participação de mulheres, pessoas negras, indígenas e migrantes, promovendo a perspectiva decolonial, que valoriza saberes e experiências historicamente marginalizadas e reconhece a importância da inclusão na construção do território.

A etapa final consiste na apresentação da proposta para a comunidade ou gestores locais, que pode ocorrer em forma de encontro na escola, assembleia comunitária ou envio de material digital. O(a) educador(a) orienta os alunos a expor de forma clara o problema identificado, as ações planejadas e os resultados esperados, reforçando a ideia de que suas ideias são relevantes para o bairro e para a convivência coletiva. Após a apresentação, promove-se uma reflexão coletiva, em que os grupos discutem aprendizados, desafios enfrentados e sentimentos vivenciados durante todo o processo, consolidando o vínculo afetivo e crítico com o território.

A yellow callout box with a decorative, wavy border, containing the text 'Nota ao(a) educador(a):'.

Nota ao(a) educador(a):

Esta atividade articula a geografia das infâncias, ao reconhecer a capacidade dos adolescentes de perceber, interpretar e transformar seu bairro; a geografia encarnada, ao enfatizar a experiência sensível, prática e direta com o espaço vivido; e a perspectiva decolonial, ao valorizar a participação de grupos subalternizados, saberes locais e práticas comunitárias que historicamente foram invisibilizadas. O projeto de intervenção permite que os alunos compreendam que o bairro é um território vivo e dinâmico, que pode ser cuidado e transformado coletivamente, fortalecendo o protagonismo juvenil e a consciência cidadã.



# CAPÍTULO 6 - NOSSO BAIRRO, NOSSO FUTURO

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### Atividade 1 - Assembleia do Futuro

A atividade começa com o(a) educador(a) reunindo a turma e explicando que o bairro é um espaço coletivo, onde diferentes pessoas têm interesses, sonhos e responsabilidades. Para introduzir o tema, pode-se propor uma breve roda de conversa com perguntas como:



"Quais são os principais problemas que vocês percebem no bairro hoje?"  
"Que mudanças gostariam de ver no futuro?"  
"Quem deveria participar dessas decisões?"

Esse momento inicial ajuda a levantar ideias e a estimular o senso de pertencimento, fazendo com que os alunos percebam que são sujeitos ativos no território.

Em seguida, o(a) educador(a) apresenta a proposta: realizar uma simulação de assembleia comunitária. A turma é dividida em grupos, e cada grupo assume um papel social ligado ao bairro, por exemplo, comerciantes, estudantes, moradores antigos, representantes do poder público, trabalhadores da limpeza urbana, coletivos culturais, ONGs ambientais. Para facilitar, o(a) educador(a) pode distribuir fichas ou crachás que indiquem a identidade do grupo e, em alguns casos, suas prioridades ou desafios.

Depois dessa preparação, a assembleia começa. O(a) educador(a) atua como mediador/a, explicando a dinâmica: cada grupo terá um tempo curto para apresentar suas propostas para melhorar o bairro e, em seguida, haverá espaço para

debate entre os diferentes personagens. A discussão pode girar em torno de temas como mobilidade, áreas verdes, segurança, lazer, moradia ou educação. Os grupos são incentivados a defender seus interesses, mas também a buscar consensos. O importante é que os estudantes exercitem a argumentação e percebam a diversidade de pontos de vista presentes em uma comunidade real.

O encerramento da atividade se dá com uma síntese coletiva. O(a) educador(a) registra em cartaz ou quadro as principais propostas que surgiram durante o debate, organizando-as como uma espécie de “plano do bairro do futuro”. A turma reflete, então, sobre o processo: “Foi fácil chegar a acordos?”, “Que ideias foram mais difíceis de conciliar?”, “O que aprendemos sobre viver em comunidade?”. Dessa forma, a simulação de assembleia ajuda os alunos a compreenderem que o futuro do bairro depende da escuta, da negociação e da responsabilidade coletiva.

Nota ao(a) educador(a):

O diálogo inicial e as falas durante a assembleia permitem que os estudantes expressem experiências pessoais e familiares sobre o bairro, funcionando como um exercício de memória e narrativa oral. Tal como na história oral, essas vozes revelam perspectivas diversas que, muitas vezes, não estão registradas nos documentos oficiais, mas são fundamentais para compreender a vida comunitária. A simulação de assembleia coloca os alunos diante de uma geografia concreta, que não é estudada de maneira distante, mas vivida em sua dimensão cotidiana. Ao representar diferentes papéis sociais, eles exercitam uma geografia situada, reconhecendo que os lugares são moldados por interesses, conflitos e afetos. Essa encarnação da geografia os ajuda a perceber o bairro como espaço de relações e negociações, não apenas como espaço físico. Ao assumir personagens e falar em público, os alunos colocam seus corpos em cena, vivenciando a experiência política como gesto encarnado. A oralidade, os gestos e a ocupação do espaço em sala tornam-se parte do aprendizado, reforçando a ideia de que o corpo não apenas habita o território, mas o constitui e o transforma. A assembleia, assim, é também um exercício de corpo-território, em que os estudantes experimentam que sua presença e sua voz são fundamentais para o futuro do lugar onde vivem.

## Atividade 2 – Projeto de Intervenção “Pequenas Ações, Grandes Mudanças”

A atividade começa com um momento de sensibilização. O(a) educador(a) convida os alunos a refletirem sobre os problemas cotidianos do bairro ou da comunidade escolar, levantando questões como:

“O que incomoda vocês quando andam pelas ruas?”  
“Quais espaços poderiam ser melhor aproveitados?”  
“O que poderia ser feito para tornar o bairro mais justo, bonito e acolhedor?”



Essas perguntas abrem espaço para que os estudantes compartilhem experiências pessoais e percebam que pequenas situações, como o lixo acumulado, falta de árvores, muros pichados, calçadas quebradas, ausência de áreas de lazer, fazem parte de um contexto coletivo.

Em seguida, a turma é dividida em grupos e cada grupo escolhe um problema a ser trabalhado. O(a) educador(a) orienta os alunos a pensarem não apenas no diagnóstico, mas também em soluções simples e possíveis de serem realizadas no ambiente escolar ou no entorno. As propostas podem variar: campanhas de conscientização sobre lixo, criação de cartazes educativos, produção de vídeos curtos para redes sociais da escola, organização de uma horta comunitária, mutirão de limpeza, plantio de mudas, revitalização de espaços de convivência.

Após a definição dos projetos, os grupos elaboram um plano básico de ação: o que será feito, quem participará, quais materiais serão necessários e como apresentarão o resultado. O(a) educador(a) atua como facilitador/a, ajudando a organizar ideias, mediar conflitos e garantir que todos os alunos contribuam.

Na etapa seguinte, os grupos colocam suas propostas em prática, dentro dos limites da escola ou em parceria com a comunidade. Esse momento é fundamental para que os estudantes percebam que suas ideias podem se transformar em ações concretas. O registro das etapas (por meio de fotos, anotações ou pequenos relatos) também deve ser incentivado, para que a turma tenha memória do processo.

O encerramento da atividade ocorre com a socialização dos projetos. Cada grupo apresenta o que realizou e reflete sobre os resultados:



"O que conseguimos mudar?"  
"Que dificuldades enfrentamos?"  
"Como nos sentimos participando dessa transformação?"

Essa reflexão final ajuda os alunos a compreenderem que o exercício da cidadania não se resume a discursos, mas também a ações cotidianas que, somadas, podem provocar grandes mudanças.

Nota ao(a) educador(a):

A etapa de levantamento dos problemas do bairro, feita por meio de relatos pessoais, funciona como uma prática de história oral. Os estudantes compartilham experiências de vida próprias e de suas famílias, trazendo memórias e percepções que revelam como o território é vivido no cotidiano. Essas narrativas são fundamentais para fundamentar os projetos de intervenção. O trabalho com problemas reais e próximos coloca os alunos diante de uma geografia que se enraíza no vivido. As intervenções propostas não tratam de um espaço abstrato, mas de ruas, praças e muros que fazem parte do cotidiano da turma. Dessa forma, os estudantes compreendem o território como lugar situado, atravessado por afetos, conflitos e práticas coletivas. Ao se envolverem fisicamente nas ações (pintando, plantando, limpando, produzindo cartazes ou vídeos) os alunos inscrevem seus corpos no território. Cada gesto de cuidado, cada marca deixada no espaço, reforça a ideia de que o corpo é também parte constitutiva do bairro. Essa dimensão do corpo-território ajuda a perceber que transformar o lugar é, ao mesmo tempo, transformar a si mesmo e fortalecer os laços de pertencimento.

### Atividade 3 – Manifesto das Crianças e Jovens pelo Futuro

A atividade tem início com uma conversa aberta em roda, na qual o(a) educador(a) apresenta aos alunos o significado da palavra manifesto: um texto coletivo que expressa ideias, reivindicações ou desejos em relação a algo importante para uma comunidade. Para aproximar o conceito, pode-se trazer exemplos de manifestações conhecidas, como cartas públicas, movimentos sociais, ou até abaixo-assinados escolares, mostrando que os manifestos servem para dar voz a um grupo e torná-lo visível diante da sociedade.

Após essa introdução, o(a) educador(a) propõe o desafio: escrever um Manifesto das Crianças e Jovens pelo Futuro do Bairro. Para isso, a turma é dividida em pequenos grupos, que vão discutir três perguntas orientadoras:

"O que queremos mudar no nosso bairro?"  
"O que queremos preservar para o futuro?"  
"Que compromissos assumimos como comunidade escolar?"



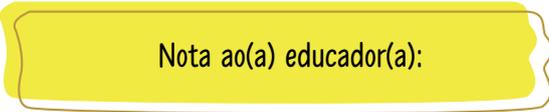
Cada grupo anota suas ideias em cartolinas ou folhas grandes, utilizando palavras-chave, frases curtas ou até pequenos desenhos que reforcem as propostas. Esse processo garante que todos os alunos possam contribuir, mesmo aqueles que têm mais facilidade de se expressar de forma visual do que escrita.

Em seguida, o(a) educador(a) conduz a sistematização coletiva: as ideias de cada grupo são lidas em voz alta e discutidas em conjunto, até que se chegue a uma versão unificada do manifesto. A redação final pode ser construída de forma colaborativa no quadro ou em projetor, com o professor atuando como escriba, mas sempre validando cada frase junto aos alunos. É importante que o texto expresse a diversidade de vozes da turma, mantendo um tom claro, firme e inspirador.

Depois de finalizado, o manifesto pode ser transformado em diferentes formas de apresentação: lido em assembleia da escola, exposto em mural, entregue à direção,

compartilhado em redes sociais institucionais ou até encenado oralmente pelos próprios estudantes em uma performance coletiva. Esse momento de socialização valoriza o protagonismo juvenil e reforça o poder das vozes das crianças e adolescentes no presente e no futuro do território.

O encerramento acontece com uma roda de reflexão, em que os alunos respondem: “Como foi escrever esse manifesto juntos?”, “De que forma ele pode inspirar mudanças reais?”, “O que aprendemos sobre o poder da palavra e da união?”. Assim, a atividade conclui reforçando que sonhar, escrever e compartilhar ideias são passos fundamentais para transformar o mundo ao redor.

A yellow callout box with a scalloped right edge and a thin black border, containing the text 'Nota ao(a) educador(a):'.

Nota ao(a) educador(a):

O manifesto nasce de relatos e experiências dos próprios alunos sobre o bairro. Essa escuta e registro coletivo funcionam como uma prática de história oral, em que memórias, percepções e desejos das crianças e jovens se tornam fonte de conhecimento e parte da memória social da comunidade. O texto produzido não fala de um território abstrato, mas de ruas, praças, escolas e vivências cotidianas. Ao reivindicar melhorias e preservar valores locais, os alunos elaboram uma geografia situada, em que o espaço é pensado a partir de seus corpos, percursos e afetos. O manifesto, assim, é também um mapa afetivo do bairro. A escrita e a leitura pública do manifesto mobilizam o corpo como agente político. Ao erguer a voz, levantar cartazes ou dramatizar o texto, os estudantes afirmam que seu corpo não apenas habita o território, mas também o reivindica e o transforma. O manifesto se torna, então, uma extensão do corpo-território: um gesto coletivo que inscreve as infâncias e juventudes no futuro do lugar.



# OUTRAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES



## Cartografia Afetiva Digital

Objetivo: usar ferramentas digitais para mapear memórias e afetos ligados ao bairro.

Materiais: computadores/tablets, acesso à internet, Google Maps ou OpenStreetMap.

Passo a passo:

- Oriente os alunos a marcar no mapa digital pontos significativos do bairro (locais de encontro, histórias de família, espaços de memória).
- Em cada ponto, adicione fotos, áudios ou textos curtos.
- Monte um mapa coletivo e compartilhe com a comunidade escolar.

Nota pedagógica: A atividade alia tecnologia e memória, reforçando a leitura do território sob a ótica da infância. Valoriza cartografias afetivas em contraposição a mapas oficiais e técnicos.

## Linha do Tempo das Transformações Urbanas

Objetivo: compreender mudanças no bairro ao longo do tempo.

Materiais: fotos antigas, entrevistas com moradores, cartolina.

Passo a passo:

- Solicite às famílias fotos antigas do bairro.
- Em grupos, os alunos entrevistam moradores sobre mudanças (ruas, festas, comércio).
- Organize uma linha do tempo em cartolina comparando passado e presente.
- Promova roda de conversa: “O que mudou? O que permanece?”.



Nota pedagógica: A proposta articula história oral e decolonialidade, trazendo a memória popular como fonte legítima para compreender transformações territoriais.

## Roteiro Fotográfico Crítico

Objetivo: estimular olhar investigativo sobre o espaço vivido.

Materiais: câmeras ou celulares, papel A3.

Passo a passo:

- Organize um passeio pelo bairro e peça que os alunos registrem fotos de “beleza” e de “desafios” do território.
- De volta à sala, montem painéis dividindo as imagens nessas categorias.
- Promovam debate sobre desigualdades, invisibilizações e potências do lugar.

Nota pedagógica: Valoriza o protagonismo juvenil na leitura crítica do bairro e incentiva a análise decolonial das imagens, questionando o que é mostrado e o que é apagado.



## Cartas do Futuro para o Bairro

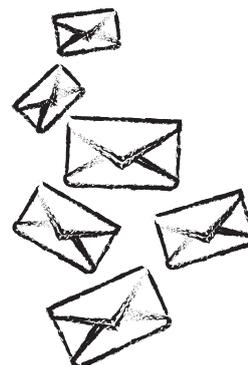
Objetivo: estimular imaginação social e direito à cidade.

Materiais: papéis, envelopes, caixa decorada.

Passo a passo:

- Peça que os alunos escrevam cartas descrevendo como gostariam que o bairro fosse daqui a 20 anos.
- Guarde as cartas em uma “caixa do tempo”.
- Organize leitura coletiva de alguns trechos e registre em mural.

Nota pedagógica: A atividade integra geografia da infância e decolonialidade, ao reconhecer jovens como sujeitos de planejamento urbano e criadores de futuros possíveis.



## Memória Corporal dos Espaços



Objetivo: refletir sobre como o corpo se relaciona com lugares do bairro.

Materiais: espaço aberto, folhas A4, lápis.

Passo a passo:

- Conduza os alunos a diferentes pontos do bairro (praça, mercado, rua movimentada).
- Em cada lugar, proponha um gesto corporal (sentar no chão, fechar os olhos, abrir os braços).
- Peça que registrem em palavras ou desenhos como o corpo se sentiu.
- Reúna os relatos em um mural coletivo.

Nota pedagógica: A proposta trabalha corpo-território e geografia encarnada, mostrando que a experiência do espaço é sensorial e política.

## Histórias Invisíveis

Objetivo: dar visibilidade a memórias marginalizadas no bairro.



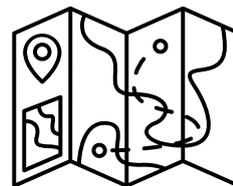
Materiais: gravador ou celular, papel e canetas.

Passo a passo:

- Em grupos, os alunos entrevistam moradores sobre histórias pouco conhecidas (ex: mulheres líderes, trabalhadores, festas esquecidas).
- Registram os relatos em forma de texto curto ou podcast.
- Compartilham os resultados em mural ou rádio escolar.

Nota pedagógica: É uma prática decolonial que legitima vozes silenciadas pela história oficial, estimulando escuta e valorização da diversidade cultural.

## Atlas das juventudes do Bairro



Objetivo: construir um atlas com diferentes olhares dos jovens sobre o território.

Materiais: cartolina, lápis de cor, fotos, colagens.

Passo a passo:

- Divida a turma em grupos. Cada grupo ficará responsável por produzir um “mapa temático” a partir de uma dimensão do bairro (ex.: lazer, trajetos cotidianos, comidas e encontros, sons e músicas, memórias e histórias locais, espaços invisibilizados).
- Reúnam todos os mapas em um único livro/atlas coletivo, que pode ser físico ou digital.
- Apresente o atlas à comunidade escolar em forma de exposição, roda de conversa ou seminário, incentivando o protagonismo juvenil na apresentação dos resultados.

Nota pedagógica: A atividade reforça a ideia de que o território é vivido de maneiras múltiplas e legítimas. Ao reconhecer os olhares juvenis como formas de conhecimento, valoriza-se a memória local e a dimensão política do pertencimento ao bairro.

## Jornal Comunitário Escolar



Objetivo: transformar a escola em espaço de comunicação popular.

Materiais: papel A4, computador, impressora (ou mural).

Passo a passo:

- Organize equipes de reportagem (redatores, entrevistadores, fotógrafos).
- As pautas devem envolver a vida do bairro: cultura, problemas, histórias.
- Produza um jornal mural ou impresso para circular na escola e na comunidade.

Nota pedagógica: A prática fortalece a comunicação comunitária e aproxima escola e bairro, democratizando a palavra e valorizando saberes locais.

## Memorial das Lutas e Resistências

Objetivo: resgatar histórias de resistência no bairro.

Materiais: cartolinas, imagens, entrevistas.



Passo a passo:

- Pesquise com moradores sobre lutas locais (moradia, festas populares, causas ambientais).
- Produza painéis temáticos contando essas histórias.
- Organize uma exposição para a escola e comunidade.

Nota pedagógica: Valoriza memórias de resistência, fundamentais na perspectiva decolonial, colocando em evidência sujeitos historicamente silenciados.

## Cinema de Rua: Olhares sobre o Bairro

Objetivo: estimular produção audiovisual crítica sobre o território.

Materiais: celular com câmera, projetor, lençol branco.



Passo a passo:

- Em grupos, os alunos produzem curtas-metragens de 2 a 3 minutos sobre o bairro (lugares, pessoas, histórias).
- Editem de forma simples (mesmo apenas cortando cenas).
- Organize uma sessão de cinema de rua na escola ou praça.

Nota pedagógica: A produção audiovisual promove leitura crítica do espaço urbano, fomenta protagonismo juvenil e reforça práticas decoloniais de ocupação cultural.



# BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **História**: ensino fundamental. 1 ed. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Coleção Leitura e escrita na educação infantil**. Crianças como leitoras e autoras. 1 ed. Brasília, 2016.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 [1990].

CERTEAU, M. Teoria e método no estudo no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANYI, M. I. (Org.). **Cotidiano, Cultura popular e Planejamento urbano** (Anais do encontro). São Paulo: FAU/USP, 1895, p. 3-19.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la Tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História** [livro eletrônico] 4. ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021 [1970].

GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1990.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INGOLD, Tim. **Evolução e vida social**. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis: Vozes, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRENAK, Douglas; KRENAK, Tam; KRENAK, Shirley. Os Krenak de Minas Gerais. In: RUDOLPH, Bruno (org.). **Dicionário Krenak-Português, Português-Krenak** [Wörterbuch der Botokudensprache]. Lisboa: Maumaus, [1909] 2010.

KRENAK, Girley (Girley Batista Santana); GENOVEZ, Patrícia Falco. "Arrepios da memória Krenak": o Reformatório Indígena e a perspectiva da reparação. In: MACEDO, Michelle Reis de (org.). **Povos Indígenas no Brasil Republicano**: por uma outra narrativa da História. Curitiba: Editora CRV, 2024. p. 185-200.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LÖBLER, C. A.; FRANCISCO, M. da A. S. **Metodologia do ensino de Geografia**. Porto Alegre: Sagah, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo : Contexto, 2023.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Espaço, corpo e experiência**: por uma geografia encarnada. Revista Brasileira de Geografia, v. 74, n. 1, p. 5-27, 2019.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia e experiência**: para uma geografia da vida. GEOgraphia, v. 20, n. 42, p. 14-33, 2018.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Caderno Pedagógico de Atividades**: Ensino Fundamental - anos iniciais. Curitiba: SEED, 2010.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 3 ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: formas de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SOUSA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, A. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>. Acesso em 16/06/2025.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.



# SOBRE A AUTORA



**Patrícia Falco Genovez**

Professora da UNIVALE com doutorado em História e coordenadora de projetos de pesquisa sobre a cultura local e regional.



REALIZAÇÃO

**GIT**  
Programa de Pós-Graduação  
Gestão Integrada do Território



FINANCIAMENTO

**univale**

